

PSB improvisa, sem conchavos

JEOVA FRANKLIN

Enquanto no térreo do edifício Acropol, no Setor de Diversões Sul, esforçadas moças tiravam a roupa, nos intervalos de filmes de sexo explícito, para quebrar o tédio dos escassos espectadores do Cine Ritz, um andar acima, os convencionais do Partido Socialista Brasileiro (PSB) lidavam com discursos, questões de ordens, urnas, votos secretos, para a escolha oficial dos primeiros candidatos de Brasília ao Senado e à Câmara dos Deputados.

Num domingo à tarde, de raro sol em Brasília, neste inverno, 18 convencionais e acompanhantes, enfrentavam o cansaço de estar ali, desde as 9 da manhã, alimentados apenas com pão-de-queijo quase cru, cafezinho frio e água gelada. O cansaço não impediu, porém o entusiasmo com que aplaudiram o encerramento dos trabalhos de sua convenção menos de 2 horas antes do prazo fatal dado pelo TSE e o lançamento simbólico de sua campanha eleitoral, a primeira autorizada a se realizar em Brasília.

Embora alguns candidatos já tivessem distribuído botões coloridos, adesivos, manifestos, cartas abertas, profusão de abraços e sorrisos permanentes, a inauguração simbólica de caça ao voto em Brasília se deu com a entrega

de um jogo de camisa azul (que não é a cor do PSB) ao time de futebol amador de Planaltina "Esperança", que de agora em diante enfrentará seus adversários mostrando no peito e nas costas o nome de candidatos do PSB à Câmara e ao Senado.

Tudo correu muito tranqüilo na convenção do PSB, quase num clima de grêmio teromusical, sob o olhar atento do observador do TRE, Francisco Alves Ribeiro, que tinha à mão a Resolução nº 12.854, de 1º de julho de 1986, em que o Tribunal Superior Eleitoral editou as instruções para a escolha e registro dos candidatos a governador, senador, deputado federal e deputado estadual.

Os primeiros nomes definidos para as próximas eleições foram os dos candidatos ao Senado pelo PSB, em três sublegendas, princípio que segundo o presidente do partido, Luiz Manziolillo, é renegado por sua agremiação política, mas que não pôde ser ignorado, porque assim é a regra do jogo.

A convenção não ratificou o lista dos candidatos inscritos a Deputado Federal na chapa única "Socialismo e Liberdade". Um dos candidatos levantou uma questão de ordem, argumentando que alguns nomes representativos ficaram de fora da chapa organizada pela diretoria executiva. Os

convencionais decidiram, então, entre os 12 inscritos, maurtar seis nomes que não abriram mão de sua candidatura e submeter os restantes, acrescidos de dois novos postulantes.

Eduardo A. Marinho, funcionário do Banco Central, teve que ceder a vaga a Walmar Montenegro Matos (Balaninho), professor da Fundação Educacional e frequentador do late. Marinho, que pareceu não ter ficado ressentido, atribui sua derrota à falta de articulação durante a convenção. Com certa mágoa, disse que não trabalhou os convencionais porque não considerava o trabalho de última hora sadio. Fracassou por imaginar que os convencionais tinham ido para a convenção já com a opinião formada.

A partir daí tudo voltou à rotina no pequeno auditório improvisado da sala 306 do edifício Acropol, onde dizeres tipo "Ajude o PSB comprando livros e rifas", se misturavam com fotografias de candidato abraçando Tancredo Neves, rosto de Jesus Cristo, oração de São Francisco, quadros de vacas pastando, recortes de jornais, faixas e a transcrição de algumas características do que é ser socialista, segundo o PSB: "... ser isento de usura e dedicar-se profundamente ao estudo para a completa eliminação da miséria, do analfabetismo, da criminalidade..."